



ANJOS NA ESCURIDÃO



CONTOS DA SÉRIE
FALLEN

LAUREN KATE

Livros da autora publicados pela Galera Record

Série Fallen

Volume 1 – *Fallen*

Volume 2 – *Tormenta*

Volume 3 – *Paixão*

Volume 4 – *Êxtase*

Apixonados – Histórias de amor de Fallen

Anjos na escuridão

Série Teardrop

Volume 1 – *Lágrima*

LAUREN KATE

ANJOS NA ESCURIDÃO



Tradução
Ana Carolina Mesquita

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K31a

Kate, Lauren, 1981-

Anjos na escuridão [recurso eletrônico] / Lauren Kate ; tradução Ana Carolina

Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2014.

recurso digital

Tradução de: Fallen : angels in the dark

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-06827-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título. III.

Série.

14-15700

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

Fallen: Angels in the dark

Text copyright © 2013 by Tinderbox Books, LLC. e Lauren Kate
Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo da Random
House Children's Books, divisão da Random House LLC,
uma Companhia Penguin Random House, Nova York.

Direitos de tradução negociados com Tinderbox Books, LLC e
Sandra Bruna Agencia Literária, S. L.

TINDERBOX

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System
Adaptação da capa original: Renata Vidal da Cunha

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06827-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

SUMÁRIO

UM	O que aconteceu com Trevor
DOIS	O dia de folga de Ariane
TRÊS	Daniel em Los Angeles
QUATRO	Miles no escuro
CINCO	Na sala de Francesca
SEIS	Cam vai à caça
SETE	O sonho de Luce [cena deletada]

UM



O QUE ACONTECEU COM TREVOR

Luce diminuiu a velocidade da moto até parar diante da casa à beira do lago.

Estava apaixonada. Pela moto. Era uma Honda Shadow 1986 dourada, linda.

Sua colega de classe maluca, Rachel Allison, com seu cabelo tingido de ruivo e francês impecável, ainda morava na mesma casa onde crescera, a poucos quilômetros a norte da escola onde elas estudavam, a Dover Prep. Por isso, sempre que os pais de Rachel viajavam, a maioria da turma — bem, pelo menos a turma dos descolados — aparecia por lá para a inevitável festa.

Era a primeira vez que Luce iria.

Quando Luce terminou seu turno na Pisani's Bike and Body Shop, ela recebeu três torpedos de Callie: um dando as instruções de como chegar à festa. Outro dizendo que pegara emprestados os chinelos pretos de Luce. E um terceiro com uma foto de Callie bebericando um *mai tai* em uma das lanchas de Rachel.

No entanto, foi o recado na caixa de mensagens de voz — não, a voz *ao fundo* no recado deixado por Callie — que convenceu Luce a ir à festa.

Era Trevor Beckman dizendo: *Diga a Luce pra vir correndo pra cá.*

Ele era, de longe, o cara mais descolado da turma. E o mais fofo também. Trevor era o capitão do time de basquete, o rei do baile e

parceiro de Luce na aula de biologia. Também era um casinho de Rachel.

Porém, todavia, no entanto... ele queria que Luce fosse correndo para lá.

Claro, Luce tinha uma quedinha por Trevor. E quem não teria? Forte, alto, sempre risonho, com cabelos e olhos castanho-escuros... Tudo naquele cara era feito para o tornar atraente.

Mas era o tipo de queda que Luce jamais pensara em levar adiante *de fato*. Ela não corria atrás de garotos. Nunca tinha feito isso. Apesar de ser algo que deixava Callie louca da vida, Luce não tinha o menor problema em admirar Trevor e seus músculos de longe. Isso era bem mais fácil do que ir àquela festa.

Ela desligou a moto e saltou antes que alguém a visse e se perguntasse onde diabos ela havia arranjado a grana para ter um veículo daqueles.

A verdade é que Luce *não tinha* essa grana. Ela havia pegado a moto emprestada por uma noite na loja de motos onde vinha trabalhando, por meio período, nos últimos seis meses, para conseguir bancar suas despesas “secundárias” na Dover. Seus gastos com alojamento e alimentação eram, constrangedoramente, cobertos pela única bolsa que a escola oferecia.

Para manter aquela bolsa, Luce cursara as disciplinas mais seletivas da escola durante três anos seguidos e obtivera média A em todas. Isso sem falar nos três anos de sessões de terapia semanais em Shady Pines, um segredo que escondia de todos na escola.

Ela provavelmente também teria passado aqueles três anos sem colocar o pé em nenhuma das famosas festas de Rachel, se não fosse

pelo filho do Sr. Pisani. Joe era alguns anos mais velho que ela, e sexy de um jeito meio sombrio. Ele sempre tivera uma atitude protetora para com Luce, desde o primeiro dia em que ela começara a trabalhar na loja. Também sabia que ela babava pela moto que ele mesmo fizera renascer a partir de um monte de ferro-velho. Pouco antes de Luce ir embora, depois de seu turno, ele colocou a chave na palma da mão dela.

— O que é isso?

— Ouvi falar que hoje à noite vai rolar uma festa. — Ele sorriu. — Você precisa chegar ao lago de algum jeito, não é?

No início, Luce balançou a cabeça em recusa. De jeito nenhum. Mas por outro lado...

Dentro de três dias ela viajaria para passar o verão com os pais em casa, em Thunderbolt, na Georgia, onde tudo seria tranquilo, fácil e aconchegante. E chato.

Três meses inteiros de pura chatice.

— Divirta-se. — Joe deu uma piscadela para Luce.

Então ela montou na moto e se foi. A sensação de pilotar uma moto, do vento batendo no rosto, da velocidade, da emoção de tudo aquilo, era ao mesmo tempo familiar e diferente de qualquer outra coisa no mundo.

Luce tinha a sensação de estar voando.

Quando atravessou a soleira da porta enfeitada com tochas de jardim, Luce avistou Callie parada na beira do lago, rodeada por um monte de rapazes. Ela estava usando um biquíni vermelho, os chinelos de Luce e um sarongue branco comprido amarrado na cintura.

— Até que enfim! — disse ela com um gritinho quando viu Luce.

Os cachinhos bem definidos de Callie estavam molhados e balançaram quando ela riu. Provavelmente ela havia acabado de voltar de um mergulho, coisa que Luce não conseguia nem pensar em fazer naquele lago escuro e frio. Callie era o tipo de pessoa intrépida que sempre arrumava um jeito de se divertir. Ela puxou Luce e sussurrou:

— Adivinhe só quem protagonizou uma briga homérica agora há pouco?

Trevor vinha na direção delas, vestido com sua camisa de basquete e um calção de banho, e segurando uma bebida. Atrás dele, a poucos metros, o rosto de Rachel estava vermelho de raiva.

— Chegou na hora certa — disse ele, sorrindo para Luce. As palavras saíram meio enroladas.

— Trevor! — berrou Rachel. Ela parecia louca para segui-lo, mas continuou parada ali, as mãos na cintura. — Agora chega! Vou dizer ao *bartender* pra não servir mais nada pra você.

Trevor parou na frente de Luce.

— Que tal dar uma passadinha no bar comigo?

Callie empurrou as costas de Luce e sumiu em seguida, deixando a amiga sozinha com Trevor Beckman.

Talvez ela devesse ter trocado aquela sua camiseta branca engordurada e o short desfiado antes de ir para a festa. Luce tirou o elástico que prendia a longa trança que usava para trabalhar. Sentiu os olhos de Trevor em seus cabelos escuros e ondulados, que desciam até a metade das costas.

— Uma bebida seria uma boa.

Trevor sorriu, indicando o caminho para o bar.

Rachel continuava no meio do gramado, rodeada por suas súditas. Quando Luce passou com Trevor, Rachel virou a cabeça e fungou.

— Que cheiro é esse de posto de *gasolina*?

— É *eau* de classe trabalhadora — respondeu a súdita número dois de Rachel.

Shawna Clip era tão nojenta quanto Rachel, embora não tão inteligente.

— Desculpe — disse Trevor, afastando Luce das outras. — Elas são umas vacas.

Luce ficou vermelha. Os insultos de Rachel não a tinham atingido, mas era constrangedor que Trevor pensasse que sim. Ele encarou Luce por um instante, então a guiou para que ela passasse reto pelo bar.

— Pensando melhor, o pai de Rachel tem um armário especial cheio de goró.

Ele sorriu para Luce e fez um gesto para o bosque, em direção ao ponto onde a trilha iluminada pelo luar seguia até o lago Winnepesaukee. As tochas iam somente até certo ponto, depois disso era apenas a floresta grande e escura.

Luce hesitou. A floresta era um dos motivos pelos quais ela evitava aquele tipo de festa. Para todo mundo, a escuridão da noite significava o momento de ficar louco de um jeito bom.

Para Luce, era quando as sombras apareciam.

Um tipo ruim de loucura.

Aquela, entretanto, era a primeira vez que ficaria a sós com Trevor, sem que nenhum dos dois estivesse segurando um bisturi nem respirando formol. Ela não botaria tudo a perder sendo uma garota histérica que não conseguia nem chegar perto de uma floresta.

— A gente precisa atravessar isso aí? — perguntou Luce, engolindo em seco.

Ele correu o polegar pela bochecha dela. Aquilo a fez estremecer.

— Só é escuro até chegar na clareira, e vou segurar sua mão o tempo todo.

Era a melhor oferta que alguém poderia fazer, mas Luce jamais conseguiria explicar a Trevor por que mesmo assim aquilo não era bom o bastante, por que ela sentia-se prestes a entrar em um pesadelo do qual talvez não conseguisse mais despertar. Se as sombras estivessem ali, elas a encontrariam. Roçariam nela como lâminas negras de gelo. Mas Luce não podia dizer isso a Trevor.

A escuridão fechou-se ao redor deles enquanto caminhavam. Luce sentia a presença de coisas sombrias nas árvores acima deles, pressentia o esvoaçar suave pelos galhos, mas mantinha os olhos fixos no chão.

Até que alguma coisa beliscou seu ombro. Algo frio e afiado que a fez dar um pulo de susto — direto para os braços de Trevor.

— Não há nada a temer. Está vendo?

Trevor começou a virar Luce, mas ela puxou a mão dele.

— Vamos logo para o chalé.

Quando chegaram à clareira, a lua felizmente ressurgiu. Diante deles, havia uma fileira organizada de chalés.

Luce olhou para a floresta, mas não conseguiu identificar de qual lado estava a trilha que levava de volta à festa. Teve a impressão de ter ouvido aquela sombra esquisita esvoaçar nas árvores mais uma vez.

— Vamos ver quem chega primeiro! — disse ela.

Luce saiu correndo em direção ao primeiro chalé, com Trevor logo atrás, até os dois caírem exaustos na frente da porta. Estavam rindo e sem fôlego. O coração de Luce disparava de medo e cansaço — e também com uma expectativa tensa por não entender direito o que eles estavam fazendo ali, longe de todo mundo.

Trevor enfiou a mão no bolso e sacou uma chave.

A porta se abriu com um rangido e eles entraram no chalé limpo e minimalista. Havia uma lareira, uma cozinha pequena e uma cama *king size* posicionada de um modo bastante evidente. Uma hora atrás, Luce nunca teria acreditado que estaria sozinha em um chalé com o cara por quem babava há três anos. Ela não costumava fazer coisas assim. Nunca tinha feito nada desse tipo.

Trevor rumou direto para o bar e começou a servir alguma coisa marrom de uma garrafa de vidro coberta de gelo. Quando ele lhe estendeu o copinho com líquido até a metade, ela nem mesmo sabia que não era para beber tudo de uma vez.

— Uau! — Ele riu quando ela se engasgou. — Demorou, mas encontrei alguém que precisa de um drinque tanto quanto de mim.

Se Luce ainda não estivesse meio tonta por causa da ardência na garganta, talvez tivesse rido e corrigido a gramática dele, observado que o que ele realmente queria dizer era “alguém que precisa de um drinque tanto quanto eu”, em vez daquilo que ele *dissera* — o que

significava que ela precisava de um drinque tanto quanto precisava... dele.

Ele apanhou o copo vazio dela e enlaçou sua cintura, depois a trouxe para tão pertinho que seu corpo pressionou o dela com força. Ela sentiu o peito musculoso, o calor da pele.

— Rachel e eu, a gente não combina, entende?

Ai meu Deus. Ela devia estar se sentindo mal com aquilo, não devia? Ele iria beijá-la e ela iria retribuir, e aquilo significava que o primeiro beijo de Luce seria com alguém que já tinha namorada. Certo, uma bruxa horrorosa de namorada, mas mesmo assim. Luce *sabia* que Trevor e Rachel não combinavam, mas de repente soube também que Trevor estava mentindo.

Porque *ele* não sabia disso. Estava dizendo aquilo só para ficar com ela. Porque provavelmente sabia que ela era louca por ele. Provavelmente a flagrara olhando para ele várias vezes ao longo daqueles anos. Devia ter certeza absoluta de que ela estava a fim dele.

Ela estava a fim dele, é verdade, mas até então aquilo tinha sido só uma espécie de fantasia distante. Assim, de perto, ela não tinha a menor ideia do que *fazer* com ele.

Agora o rosto de Trevor pairava sobre o dela. Seus lábios estavam próximos e os olhos pareciam diferentes da foto do anuário à qual Luce estava tão acostumada.

De repente, ela percebeu que não o conhecia bem, nem um pouco.

Mas queria conhecer. No fim, queria saber como era ser beijada, beijada de verdade, pressionada contra uma parede enquanto era beijada intensamente, até ficar tonta, até estar tão cheia de paixão

que não haveria mais lugar para sombras, florestas escuras ou a preocupação constante de um dia acabar sendo internada em um sanatório.

— Luce? Tá tudo bem?

— Me beije — sussurrou ela.

Não parecia certo, mas já era tarde demais. Os lábios de Trevor se entreabriram e pousaram nos dela. Ela abriu a boca, mas achou difícil retribuir o beijo. Sua língua parecia amarrada. Ela se debatia nos braços dele como se estivesse em um sonho, tentando não lutar contra aquele beijo, tentando simplesmente se soltar e deixar as coisas acontecerem.

Os braços de Trevor envolveram sua cintura e a puxaram para a cama. Eles se sentaram na beirada, ainda se beijando. Ela estava de olhos fechados, mas então os abriu. Trevor a estava encarando.

— Que foi? — perguntou Luce, nervosa.

— Nada. É que você é simplesmente tão... linda.

Ela não sabia o que responder, por isso riu.

Trevor começou a beijá-la novamente, os lábios úmidos na boca de Luce, depois no pescoço. Ela aguardou pela faísca, pelos fogos de artifício de que Callie tanto falava.

Mas tudo no ato de beijar era diferente do que ela imaginara. Ela não tinha certeza do que sentia em relação a Trevor, em relação à língua dele na dela, às mãos bobas. Já ele, entretanto, parecia saber muito mais sobre aquilo tudo do que Luce. Ela tentou se deixar levar.

Ouviu um barulho e se desvencilhou de Trevor para olhar ao redor.

— O que foi isso?

— O que foi o quê? — perguntou Trevor, mordiscando o lóbulo da orelha dela.

Luce olhou rapidamente para as paredes com revestimento de madeira, mas elas não tinham nenhum quadro ou qualquer tipo de enfeite. Ela analisou a lareira, que estava escura e silenciosa. Por um segundo, pensou ter visto alguma coisa ali — uma brasa, um tremular amarelo e vermelho —, mas logo em seguida aquilo sumiu.

— Tem certeza de que estamos a sós? — perguntou ela.

— Claro.

As mãos de Trevor agarraram a barra da blusa dela, tirando-a pela cabeça. Antes mesmo que Luce pudesse dizer qualquer coisa, já estava sentada sobre o edredom azul só de sutiã.

— Uau — disse Trevor, protegendo os olhos com as mãos como se estivesse olhando diretamente para o sol.

— O que foi? — Luce estremeceu, sentindo-se pálida e meio envergonhada.

— É que tudo ficou tão claro de repente — disse ele, piscando. — Você não tem essa impressão?

Luce entendia o que ele estava querendo dizer. Era como se alguma coisa entre eles estivesse iluminando o quarto inteiro. Seria essa a faísca que ela tanto esperava? Ela sentia-se quente e viva, mas também um pouquinho envergonhada do próprio corpo. Do quanto ele estava exposto.

Aquilo a deixou incomodada. Quando Trevor se inclinou novamente para beijá-la, suas entranhas pareciam estar ardendo, como se ela tivesse comido alguma coisa apimentada. Então todo o

chalé se aqueceu e ficou claro demais. Estava ficando difícil respirar, e de repente Luce ficou completamente tonta, sua visão ardia como se o sangue da cabeça estivesse injetando seus olhos. Ela não conseguia enxergar mais nada.

Trevor agarrou a cintura dela com força, mas Luce começou a se desvencilhar. Ouviu barulhos novamente e teve certeza de que havia alguém no chalé, mas não conseguiu ver ninguém, só conseguia ouvir uma balbúrdia crescente, como se mil serrotes estivessem serrando mil lâminas de metal. Tentou se mover, mas era como se estivesse grudada, presa pelos braços de Trevor. Ele apertava tanto sua caixa torácica que ela pensou que seus ossos fossem se quebrar, e aí começou a sentir como se a pele dele a estivesse queimando, se fundindo a ela até...

Até que ele sumiu.

Alguém estava sacudindo os ombros de Luce.

Era Shawna Clip. E estava berrando.

— *O que foi que você fez, Lucinda?*

Luce piscou e balançou a cabeça. Estava sentada diante do chalé, na noite enevoada e escura como breu. Sua garganta ardia; a pele parecia gelada e em carne viva.

— Cadê o Trevor? — ela ouviu-se murmurar.

O vento chicoteava seus cabelos. Ela levantou a mão para afastar as mechas soltas do rosto e sufocou um grito quando um cacho inteiro de seu cabelo negro e espesso soltou-se completamente do couro cabeludo. A mecha que caiu na palma estava chamuscada e quebradiça. Ela gritou.

Luce se pôs de pé, cambaleando. Cruzou os braços e olhou ao redor. Ainda a mesma floresta fria e escura, ainda a sensação de ter aquelas sombras negras pairando por perto, ainda a fileira bem organizada de chalés...

Os chalés estavam pegando fogo.

O chalé onde ela podia jurar ter estado com Trevor agora mesmo — e tinha estado ali realmente? até que ponto os dois tinham ido? o que tinha acontecido? — estava agora tomado pelas chamas. Os chalés à esquerda e à direita estavam começando a pegar fogo graças ao incêndio do chalé no meio. O ar noturno cheirava a enxofre.

A última coisa de que ela se lembrava era do beijo...

— Que *diabos* você fez com meu namorado?

Rachel. Ela estava entre Luce e os chalés em chamas, e um tom vermelho vivo coloria seu rosto. O olhar dela fez com que Luce se sentisse uma assassina.

Ela abriu a boca, mas não saiu nada.

Shawna apontou para Luce.

— Fui atrás dela. Achei que eu fosse encontrar os dois se pegando... — Ela cobriu o rosto com as mãos e fungou —, mas eles entraram, e aí... O chalé simplesmente *explodiu!*

O rosto e o corpo de Rachel tremeram quando Luce se virou na direção do chalé e começou a gemer. Aquele som horrendo cresceu noite afora.

Só então Luce se deu conta, com um aperto terrível no peito, de que Trevor continuava lá dentro.

Então, o telhado do chalé desabou, cuspidando uma nuvem de fumaça.

Àquela altura, os chalés ao lado já tinham começado a realmente pegar fogo, mas Luce sentia uma escuridão pairando por ali, enorme e implacável. As sombras, antes confinadas à floresta, agora rodopiavam diretamente acima, tão próximas que ela poderia tocá-las. Tão próximas que ela quase conseguia ouvir o que estavam sussurrando.

Parecia ser seu nome, *Luce*, repetido milhares de vezes, circulando ao seu redor e depois desaparecendo indefinidamente em algum passado negro.

DOIS



O DIA DE FOLGA DE ARIANE

— Carga pesada! Saiam da frente!

Ariane estava empurrando um imenso carrinho de compras vermelho pelo corredor de utilidades domésticas do bazar beneficente do Exército de Salvação. Seus braços magros seguravam a alça do carrinho pesado enquanto ela o conduzia com dificuldade. Ariane já tinha colocado ali dois abajures com estampa de bolinhas, uma quantidade de almofadas cafonas equivalente a um sofá, nove lanternas de Halloween cheias de doces vencidos há muito tempo, meia dúzia de vestidos estampados baratos, algumas caixas de sapato cheias de adesivos de carro e um par de patins fosforescentes. Portanto, naquele momento era difícil para Ariane, que mal tinha um metro e meio de altura, enxergar aonde estava indo.

— Abra passagem, queridinha, a menos que não precise mais dos dedinhos dos seus pés. É isso aí, estou falando com você mesma. *E* com seu filhinho.

— Ariane — disse Roland, com calma.

Ele estava um corredor à frente, examinando uns discos de vinil empoeirados que lotavam uma caixa de leite. Seu blazer risca de giz estava desabotoado, mostrando uma camiseta do Pink Floyd por baixo. Seus *dreadlocks* espessos pendiam de leve sobre os olhos negros.

— Ser discreta é mesmo sua especialidade, né?

— Ei! — Ariane pareceu magoada enquanto tentava manobrar o carrinho de compras numa curva fechada para ir até o corredor de Roland.

Parou na frente dele e apontou uma unha pintada de esmalte azul metálico para o peito dele.

— Eu levo meu trabalho aqui a sério, parceiro. A gente tem muito o que comprar em apenas dois dias.

As palavras de Ariane pareceram lembrá-la de alguma coisa, preenchendo-a com uma alegria repentina. Seus olhos azul-claros se acenderam e um sorriso largo se espalhou pelo rosto. Ela agarrou o braço de Roland com força e o sacudiu, fazendo seu coque desarrumado se soltar e os longos cabelos pretos caírem até a cintura enquanto gritava:

— Dois dias! *Dois dias!* Nossa Lucy vai voltar daqui a dois dias, caramba!

Roland deu uma risadinha.

— Você fica uma fofa quando está empolgada.

— Então agora provavelmente sou a prefeita de Fofópolis!

Ariane se encostou em uma estante cheia de aparelhos de som antigos e soltou um leve suspiro de satisfação.

— Adoro quando ela volta. Quero dizer, claro que não do mesmo jeito que Daniel adora, é óbvio, mas sinto, de verdade, uma fagulha de empolgação com a expectativa de vê-la de novo. — Ela apoiou a cabeça no ombro de Roland. — Você acha que ela vai estar diferente?

Roland tinha voltado a olhar os discos da caixa. A cada três ou quatro, ele atirava um para dentro do carrinho de Ariane.

— Ela já viveu outra vida inteira, Ari. Claro que deve ter mudado um pouquinho.

Ariane atirou dentro do carrinho um disco do Sly and the Family Stone que estivera examinando.

— Mas ela continua sendo nossa Lucinda, né?...

— Esse parece ser o padrão — disse Roland, oferecendo a Ariane o mesmo olhar de “você é maluca?” que ela recebia da maioria das pessoas (incluindo todo mundo naquele bazar beneficente), mas quase nunca de Roland. — Bom, pelo menos tem sido assim nos últimos milhares de anos. Por que você está perguntando isso?

— Sei lá. — Ariane deu de ombros. — Cruzei com a Srta. Sophia na secretaria da Sword & Cross. Ela estava remexendo em todas aquelas caixas cheias de arquivos, resmungando sobre “preparativos”. Como se tudo tivesse de estar perfeito ou algo assim. Não quero que Luce se decepcione quando chegar. Talvez ela volte diferente, diferente mesmo, dessa vez. Você sabe como eu fico em relação a mudanças.

Ela olhou para o carrinho de compras. As almofadas espalhafatosas que havia atirado ali para o caso de Luce, assim como a última Luce que ela vira, gostar de uma boa guerra de travesseiros, de repente pareceram simplesmente feiosas e infantis para Ariane. E os patins? Onde é que elas iriam andar de patins num reformatório? O que ela estava pensando? Ela havia se empolgado e exagerado. De novo.

Roland torceu o nariz de Ariane.

— Mesmo correndo o risco de soar banal, eu digo: simplesmente seja você mesma. Luce vai adorar você. Ela sempre adora. E, se nada

mais der certo — disse ele, remexendo no butim que Ariane havia atirado no carrinho —, sempre existe sua arma secreta. — Ele levantou um saquinho plástico cheio de canudinhos com guardachuvinhas de papel. — Você definitivamente precisa usar esses aqui.

— Você tem razão. Como sempre. — Ariane sorriu e deu um tapinha na cabeça de Roland. — Eu sei mesmo fazer uma *happy hour* de arromba. — Ela abraçou a cintura dele enquanto os dois empurravam o carrinho pesado pelo corredor.

Então Roland olhou para a lista de compras que tinha feito em seu BlackBerry.

— Temos a música para a festa. Os enfeites e a decoração para o seu quarto, e a fita adesiva...

— Como você gasta essa quantidade imensa de fita adesiva é um dos maiores mistérios do universo.

— Precisamos de mais alguma coisa daqui antes de irmos para a loja de artigos *gourmet*?

Ariane torceu o nariz.

— Loja de artigos *gourmet*? Mas... Luce gosta de comer porcarias.

— Estou apenas cumprindo ordens — disse Roland. — Cam me pediu para comprar caviar, meio quilo de figos e algumas outras coisinhas para ele.

— *Caviar*? Primeiro, vou vomitar. Segundo, para que Cam quer caviar? Espere um pouquinho aí...

Ela parou bem no meio do corredor, fazendo com que outra cliente com um carrinho cheio de enfeites de Natal baratos trombasse na traseira deles. Ariane deixou a mulher passar, depois baixou a voz:

— Cam não vai tentar seduzir Luce de novo, vai?

Roland voltou a empurrar o carrinho. Ele era ótimo em ficar calado quando necessário, e isso sempre tirava Ariane do sério.

— *Roland*. — Ela enfiou a bota preta embaixo da roda do carrinho de compras para que ele parasse ali mesmo. — Será que preciso lembrar a você do desastre que isso causou em 1684? Sem falar na calamidade que Cam provocou em 1515. E sei muito bem que você se lembra de quando ele tentou dar em cima dela no ano de mil cento e vinte e...

— Você também sabe muito bem que eu sempre procuro ficar fora de toda a confusão.

— Ah, tá — murmurou Ariane. — Só que, de alguma forma, acaba ficando sempre bem no meio.

Ele revirou os olhos e tentou afastar Ariane. Ela não arredou pé.

— Desculpe, mas o Cam paquerador é um pesadelo. Realmente prefiro que ele rosne e espume pela boca como o cão dos infernos que é.

Ariane ofegou como um cachorro com raiva por alguns instantes, mas, quando aquilo não fez Roland rir, cruzou os braços.

— E por falar em como seu parceiro *numero uno* é completamente horrível em seu lado negro, quando você planeja voltar para nós, Ro?

Roland nem piscou.

— Quando eu acreditar na causa.

— Certo, *Monsieur* Anarquia. Então isso é tipo... nunca?

— Não — respondeu ele —, isso é tipo vou esperar pra ver. Precisamos apenas esperar pra ver.

Eles estavam passando pela ala de jardinagem do bazar, cujos utensílios incluíam uma mangueira verde embolada, uma pilha de vasilhinhos de argila lascados, alguns capachos usados e um soprador de folhas genérico de modelo antigo. Mas foi o grande vaso de peônias brancas de seda que fez tanto Ariane quanto Roland pararem.

Ariane suspirou. Não gostava de ficar muito sentimental — já havia anjos para isso, como Gabbe –, mas esse era um dos aspectos da relação de Daniel e Luce que sempre amolecia seu coração.

Pelo menos uma vez a cada vida, Daniel dava a Luce um enorme buquê de flores, que eram sempre, sem exceção, peônias brancas. Devia haver alguma história por trás daquilo: por que peônias, e não tulipas ou gladiólas? Por que brancas, e não cor-de-rosa ou vermelhas? Mas embora alguns dos outros anjos especulassem a respeito, Ariane percebeu que os detalhes por trás daquela tradição não eram da sua conta. Ela não conhecia o amor, a não ser pelo que observava em Daniel e Luce, mas gostava do ritual. E do modo como Luce sempre parecia ficar mais emocionada com esse gesto do que com qualquer outro que Daniel fizesse.

Ariane e Roland se entreolharam, como se estivessem pensando a mesma coisa.

Mas será que estavam mesmo?

Por que Roland estava contraindo o rosto?

— Não compre essas flores para ele, Ari.

— Eu nunca faria isso — retrucou Ariane. — Essas flores são falsas. Isso arruinaria completamente o propósito do gesto. Precisamos conseguir flores *verdadeiras*, belas e imensas flores

verdadeiras, num vaso de cristal com uma fita, e isso somente quando chegar a hora certa. A gente nunca sabe se vai acontecer depressa ou não. Pode levar semanas, meses, até eles chegarem ao ponto em que... — Ela congelou, olhando Roland, desconfiada. — Mas você já sabe de tudo isso. Então por que me diria para não comprar estas flores? Roland... do que você está sabendo?

— De nada. — O rosto dele se contraiu mais uma vez.

— Roland Jebediah Sparks Terceiro.

— *Nada*. — Ele levantou as mãos em súplica.

— Conte...

— Não há nada o que contar.

— Você quer que eu torça sua asa com força de novo? — ameaçou ela, segurando a nuca de Roland e tateando com a outra mão em busca de sua omoplata.

— Olhe — disse Roland, desvencilhando-se dela. — Preocupe-se com Luce que eu me preocupo com Daniel. É assim o procedimento, sempre foi assim e...

— Dane-se o procedimento — disse Ariane com um beicinho, virando as costas para ele para encarar a atendente do caixa.

Ariane parecia magoada de verdade, e se havia uma coisa que Roland não conseguia suportar, era magoá-la. Ele soltou um suspiro longo e profundo.

— O negócio é o seguinte: eu simplesmente não sei se Daniel está disposto a executar os mesmos padrões de sempre dessa vez. Talvez ele não queira mais dar peônias.

— E por que não? — perguntou Ariane, mas quando Roland estava prestes a responder, a expressão dela ficou triste. Levantou

uma das mãos para que ele parasse. — Daniel está ficando cansado, não é?

Ariane raramente sentia-se uma idiota, mas agora era assim que ela estava se sentindo, ali, no meio do bazar beneficente, com seu carrinho superlotado de coisas bobonas e brincadeiras. Não é que tudo aquilo fosse uma brincadeira para ela, mas, para Daniel, era diferente do que era para os outros.

Ariane começara a pensar que toda vez que Luce... se despedia a cada vida, era como se sua amiga estivesse indo para um acampamento de verão enquanto Ariane era obrigada a ficar. Luce voltaria. As coisas seriam chatas até lá, mas um dia ela voltaria.

Para Daniel, porém...

Ele ficava de coração partido. E seu coração provavelmente se partia um pouco mais a cada vez. Como ele conseguia suportar aquilo? Talvez, percebeu ela, não conseguisse. E era verdade que nesta vida ele andava deprimido de um jeito anormal. Teria o castigo de Daniel finalmente chegado a um ponto no qual não apenas seu coração estivesse partido, mas ele também?

E se tivesse? O mais triste de tudo é que não teria importância. Todos sabiam que Daniel teria de continuar vivendo mesmo assim. Teria de se apaixonar por Luce mesmo assim. Da mesma forma que os outros teriam de observar, incitando os dois pombinhos suavemente até seu clímax inevitável.

Já que Daniel não podia fazer nada a respeito, por que não manter as partes bonitas e carinhosas da história de amor dos dois? Por que não dar as peônias para Luce?

— Ele não quer se apaixonar por ela dessa vez — declarou Roland, finalmente.

— Isso é uma blasfêmia.

— Isso é Daniel — disseram os dois ao mesmo tempo.

— Bem, e o que nós vamos fazer? — perguntou Ariane.

— Ficar no nosso território. Fornecer os bens materiais de que eles precisarem quando necessário. E você, fornecer o alívio cômico.

Ariane olhou feio para ele, mas Roland balançou a cabeça.

— Não estou brincando.

— Não está brincando que está fazendo piada?

— Não estou brincando que você tem um papel a cumprir.

Ele atirou para ela uma saia de tutu cor-de-rosa que estava dentro de uma caixa de descartes perto da fila do caixa. Ariane correu os dedos pelo tule espesso. Ainda estava pensando no que significaria para todos eles se Daniel *realmente* desistisse de se apaixonar por Luce. Se ele, de algum modo, quebrasse o ciclo e os dois não ficassem juntos. Aquilo, entretanto, lhe causou uma sensação ruim, como se seu coração estivesse sendo arrastado até os pés.

Em questão de segundos, Ariane já estava vestindo a saia de tutu por cima da calça jeans e fazendo uma pirueta no meio do bazar. Saltitou por duas irmãs com vestidos iguais, compridos e estampados com flores berrantes, bateu num cavalete com um anúncio de novas roupas de cama, e quase arrancou um mostruário de castiçais antes de Roland agarrá-la. Ele a fez rodopiar para que a saia de tutu flutuasse ao redor de sua cintura pequenina.

— Você é maluca — disse ele.

— E você adora — respondeu Ariane, tonta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Anjos na escuridão"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).